

A GREVE DOS ESTUDANTES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Em lugar do provérbio clássico, que me parece um tanto materialista, proponho este outro: num país sem direção todos gritam e ninguém tem razão. E' o caso das taras escolares e da greve dos meninos. Francamente não sei bem o que pensar dessa greve. Sei que na atual conjuntura os pais não podem pagar mais e os colégios não podem cobrar menos. Sei que os estudantes não têm razão quando dizem que os colégios estão caros, e sobretudo quando insinuam que é um negócio da China ter colégio com as taxas atuais. Sei que é mau, que é péssimo esse regime de hostilidades, essa dialética que põe um fermento de inimizade entre os professores e os alunos e assim envenena um tipo de relação humana onde deveria prevalecer a amizade. Sei também que os meninos de curso secundário não deviam ter liberdade de fazer greves, porque na idade em que estão é duvidoso que entendam o que se passa neste país. E também sei que o Estado, com o estúpido programa que ainda prevalece, e que tem onze ou doze matérias nas séries do curso secundário obriga a uma despesa de professores muito maior do que seria se os colégios tivessem a liberdade de organizar o currículo. E finalmente não ignoro que os professores estão muito mal pagos na maioria dos colégios secundários.

A conclusão que se tira é que reina a confusão e a inimizade no setor mais importante da vida nacional. Terá alguém a coragem de me contestar quando digo que a educação dos jovens brasileiros é mais importante do que o lago artificial de Brasília? Ou quando digo que esse problema é mais grave, mais urgente, mais inadiável do que todas as metas presidenciais elevadas ao cubo e multiplicadas pelas operações? Estranha situação é essa em que chegamos! Os homens grisalhos falam com voz grossa e pausada de futilidades: planetas artificiais, operações, lagos, helicópteros, palácios, etc. deixando ao alarido das vozes juvenis, dos timbres infantis o mais grave dos problemas de nosso infortunado Brasil. E por aí se vê que os estudantes acabam tendo razão. Não no que dizem, não no que reivindicam, não no que explicitam. Nisto, em geral, os estudantes não têm razão e não se cansam de dizer asneiras. Tempos atrás, outros mais velhos andaram pelas ruas da capital pretendendo determinar a política econômica do país em relação ao petróleo boliviano. Queriam, pelo que entendi, cortar a cabeça do sr. Roberto Campos. Agora os mais moços querem que o sr. Clovis Salgado obrigue os colégios particulares a terem prejuízo. Atrás dessas tolices gritadas ou escritas nos cartazes, há entretanto uma motivação profunda e verdadeira. E aí, no que não dizem, no que vagamente sentem, no que traduzem quase instintivamente, os estudantes têm razão. Nós vivemos uma época diferente daquela em que Freud observou a relação pai-filho, ou, de um modo geral, a relação adulto-criança. Naquele tempo, estando ainda de pé os sólidos andaimes da sociedade liberal e dos valores burgueses, prevalecia uma segurança autoritária do pai, um rigor que frequentemente atingia o abuso e chegava à tirania. Hoje, ao contrário, o que prevalece é a capitulação, a demissão, e o resultado que se vê,

os trastes e papéis da dita reparação. Tomaram posse, assim, de algumas salas de aula que até hoje estão funcionando. E os títijs, os adultos, os velhos, os reitores, o que fizeram eles? Nada. Isto é, cada um fez o seu "nada" especial. Este fez um papel escrito, aquele fez um discurso. E ficou tudo como os alunos queriam.

No fundo, o que as crianças de hoje querem angustiosamente, em casa e na escola, é sentir a presença de uma autoridade real, viva, eficaz e justa. E é isto que eu vejo nessa greve ridícula e nessa tal operação K.

Quanto ao problema, no seu aspecto objetivo, penso que ele traduz apenas a fraqueza e a morbidez de nossa cultura e de nossa economia. Estamos diante do seguinte fato: esta sociedade não está aparelhada para educar seus próprios filhos. A solução, que a livre iniciativa privada não pode por si mesma conseguir, só poderá ser atingida se todas as energias do governo se concentrarem nesse problema com um interesse aproximadamente igual ao que demonstra por Brasília. Sem entrar nas diretrizes e métodos de ensino, sem determinar currículos e normas de exame e correção de provas, sem pretender concentrar em si a competência educadora, o governo poderia e deveria ajudar os institutos particulares com subvenções. O método é realizado com muito proveito em países mais experimenta-

dos que o nosso: na Bélgica, na Holanda, e creio que na Alemanha Ocidental.

O que não é possível é exigir heroísmo das organizações particulares quando salta aos olhos que os homens de governo não se privam de nada e não recuam diante de nenhum capricho. O dr. Alkmim, quando Ministro da Fazenda, aconselhou o povo a apertar o cinto, e pouco depois fez uma viagem dispendiosíssima aos Estados Unidos, de onde podemos concluir que era precisamente para isto que nós devíamos apertar o cinto. Os estudantes não reclamaram quando o salário mínimo quase dobrou, não reclamaram quando os vencimentos de todo o funcionalismo subiram de trinta por cento, não reclamaram quando tudo aumentou: agora, de repente, como se o caso dos colégios fosse um caso isolado, saem pelas ruas gritando que querem colégios baratos. Eu não tenho grandes esperanças de ser lido pelos ginásianos da operação K. Gostaria muito de lhes explicar que não é o colégio que está caro, nem é a carne, nem a padaria, nem o litro, nem a gasolina. Caro, caríssimo, meus amigos, é o governo que temos. Tratemos de arranjar, nas próximas eleições, um governo mais à altura de nossas posses, porque no ponto em que estamos de tal subdesenvolvimento, não podemos sustentar o luxo exótico de um governo como o do doutor Juscelino Kubitschek.

aquí e acolá, no caso da juventude transviada e no caso da juventude que quer estudar, é realmente uma juventude abandonada. Lembro-me aqui dos meus alunos da Escola Nacional de Engenharia que queriam estudar Comunicações e Eletrônica e não tinham instalações, recursos, aparelhos, no velho prédio da rua Visconde de Rio Branco, cuja metade estava ocupada por um departamento da Justiça Eleitoral. Um dia os moços tomaram uma deliberação muito simples. Já que os mais velhos, os títijs da República não se moviam, então eles estavam livres e desobrigados de qualquer disciplina. E após curta deliberação arrombaram as portas do tal departamento da Justiça Eleitoral e puseram na rua